

Hélder Silva

«Gosto de ser pivot»



Carlos Santos
Hélia Martinho
3º Ano do Curso de Comunicação Social

Além de repórter, Hélder Silva é uma das caras mais conhecidas do *Jornal da Tarde* da RTP1. Aos 28 anos, este jovem pivot conta já com uma experiência jornalística notável, na qual se destacam 6 anos ao serviço do canal do Estado, 2 anos na Rádio Nova e 6 anos na Rádio Vizela, de onde é natural. Mas a terra que o viu nascer e crescer para o jornalismo radiofónico, haveria, pouco tempo depois, de o ver partir para o estrelato mediático da televisão.

Além de ter sido diversas vezes enviado especial ao estrangeiro, este jornalista promissor assinou já duas grandes reportagens (uma sobre tráfico de mulheres e outra sobre o desaparecimento de duas crianças portuguesas, ambas emitidas na RTP1, em 2001). No entanto, o seu trabalho de maior relevo foi desenvolvido na difícil condição de enviado especial da RTP à Jordânia, Kuwait e Iraque, aquando da intervenção militar naquele país. Este convidado do IV Colóquio de Comunicação Social diz o que pensa sobre si, sobre a RTP e sobre o jornalismo em situações-limite.

Carlos Santos - Como e quando nasceu o seu interesse pelo mundo do jornalismo?

Hélder Silva - Surgiu quando eu tinha 15 anos, altura em que comecei a fazer rádio na minha terra (*Rádio Vizela*). Apesar de ter sido um acaso foi a partir dessa altura que comecei a apaixonar-me pelo jornalismo. Como o meu sonho era ser arquitecto e não jornalista, a paixão começou por ser pequenina, pequenina, foi crescendo, crescendo, crescendo até hoje que é a paixão da minha vida.

«A seriedade (...) é o grande pilar onde assenta a informação da RTP»

Carlos Santos - Cedo despertou para a magia da rádio. Como caracteriza essa experiência e que benefícios retirou desse tempo para a sua carreira actual?

Hélder Silva - Foi na rádio que eu me formei, que eu aprendi a fazer jornalismo. Além disso, foi na rádio que tomei consciência do poder que tinha a comunicação e a informação. Em suma, foi na rádio que eu bebi toda a sabedoria para hoje estar na RTP e conseguir fazer o meu trabalho.

Eu acho que a maior parte dos jornalistas que estão hoje nas televisões em Portugal têm a experiência da rádio e é essa experiência que serve de alicerce para o trabalho que todos os dias vão fazendo.

A rádio é, sem dúvida, a melhor escola para se fazer televisão em Portugal.

Carlos Santos - Como caracteriza a informação que se faz na RTP?

Hélder Silva - Séria e credível. Há uns anos demasiado cinzenta, hoje mais colorida. Acho que a RTP tem uma equipa fantástica de jornalistas, o que permite desenvolver um trabalho competente.

No Porto, onde eu trabalho, temos a redacção partida por três editorias. É uma redacção com quase 50 jornalistas e olhando para essas editorias, a RTP Porto tem a melhor editoria de desporto não só de toda a RTP, mas também das três televisões nacionais. E acho que a nossa informação, neste caso em concreto com a guerra no Iraque, saiu

muito a ganhar porque as pessoas perceberam que nós fazemos uma informação séria, credível, sem entrar em esquemas às vezes um bocadinho complicados que infelizmente a concorrência já entrou. E não estou a falar no caso da guerra, estou a falar de outros casos.



«Um pivot deve ser um comunicador nato»

Carlos Santos - Sendo a RTP uma estação de serviço público, o que é que, no seu entender, distingue a sua informação da informação das outras estações?

Hélder Silva - A seriedade. Posso, aliás, dar um exemplo para que isso fique devidamente explícito. Aquando das eleições do Benfica disputadas por Manuel Vilarinho e Vale e Azevedo, a RTP foi a única televisão equidistante em relação aos dois candidatos. A TVI assumiu claramente uma postura pró Manuel Vilarinho; a SIC assumiu uma postura claramente pró Vale e Azevedo.

Não quer dizer que a SIC e a TVI assumam este tipo de postura noutras questões, como na política, por exemplo, o que seria bem mais complicado. Mas a RTP sempre se pautou por este critério de seriedade e acho que hoje é o grande pilar onde assenta a informação da RTP.

Carlos Santos - Que perfil deve ter um pivot, se é que existe um perfil predefinido?

Hélder Silva - Deve ser um comunicador nato. Em todos os aspectos. Nos gestos, nas expressões, na voz, na forma de dizer as coisas, na forma de contar uma história. E um bom pivot não é necessariamente um bom repórter, assim como um bom repórter não é forçosamente um bom pivot. Têm de ter algumas características especiais. Desde logo a imagem do pivot não pode causar ruído ao espectador sob nenhuma forma; não pode ser nem muito gordo nem muito magro, nem muito baixo nem muito alto, nem muito feio nem muito bonito. E estamos a falar na forma. Em termos de conteúdo: seriedade, bom senso são características que assentam que nem uma luva.

Carlos Santos - Numa situação de guerra, e tendo em conta a sua passagem pela Jordânia, pelo Iraque e pelo Kuwait, países com uma cultura e uns ideais muito fortes, nomeadamente a nível religioso, quais são as maiores dificuldades que um enviado especial sente?

Hélder Silva - São várias. Desde logo a língua é um problema, porque não falam sequer a língua que nós habitualmente dominamos. A maior parte das pessoas não falam inglês, não falam francês, não falam obviamente português (*risos*), não falam espanhol, o que torna as coisas muito complicadas. Temos que andar sempre acompanhados por um guia, que é a nossa “*bengala*”, quando o guia nos falta é muito complicado trabalhar. No meu caso em concreto, lidei com alguns problemas, nomeadamente ao nível, por exemplo, da alimentação. Tive aquilo a que os médicos depois chamaram de «choque alimentar», que é chegar a um local e não estar habituado àquele tipo de alimentação específica. Mas a vontade de trabalhar foi superior a essa questão e, portanto, ultrapassei-a facilmente. Aqui e ali foram surgindo outras dificuldades que fomos sempre ultrapassando.

Carlos Santos - Ainda na condição de enviado especial, qual foi o trabalho que mais o desgastou ?

Hélder Silva - Em termos de desgaste, foi uma visita ao Hospital de Bassorá, no sul do Iraque, onde estive praticamente 4 horas; não só a visita em si mas também o facto de à

porta do Hospital estar a ser distribuída água à população, isto porque não havia água na cidade. Em termos de trabalho, foi também muito desgastante, até porque não fiz só uma reportagem; no espaço de 4 horas fiz 4 reportagens que depois editei quando cheguei a Kuwait City.

Quando estamos a trabalhar nesses ambientes estamos sempre a pensar «o que é que eu vou fazer agora? Qual é a pergunta que eu vou fazer? Com quem é que eu vou falar? Qual vai ser o meu próximo entrevistado?» O desgaste é a todos os níveis. Nesse dia, quando cheguei ao quarto do meu hotel em Kuwait City percebi o quão desgastante tinha sido o dia, não só fisicamente, mas também em termos psicológicos.



«Não imaginei nunca ser pivot de uma televisão...»

Carlos Santos - Numa entrevista à RTP, o jornalista Carlos Fino disse que a cobertura jornalística da intervenção no Iraque tinha proposto um novo conceito, o jornalista *in bedded*. Sabendo que no Iraque já morreram muitos jornalistas, e outros foram alvo de emboscadas, concorda com este conceito emergente de jornalista *in bedded*?

Hélder Silva - Sou algo reticente em relação ao *in bedded*. Numa tradução um tanto simplória, o jornalista *in bedded* é o jornalista que «vai na cama com» e isso pressupõe

intimidade. E um jornalista íntimo dos militares é um jornalista que tem necessariamente uma visão de uma das partes do conflito, uma visão manchada.



«...já fiz uma coisa que era o meu sonho...»

Carlos Santos - Ao contrário de muitos países em que se disponibiliza formação específica antes dos jornalistas enfrentarem um «teatro de guerra», em Portugal essa questão ainda não se encara de forma séria. Qual a sua opinião sobre essa formação prévia?

Hélder Silva - Nós (*portugueses*) temos o hábito de fazer tudo em cima do joelho, mas acho que, pelo menos no manuseamento de alguns materiais que levamos para cenários de conflito, era necessário. Por exemplo, levei material anti-guerra química mas não sabia manuseá-lo e, portanto, já no Iraque tive de pedir a ajuda de uns militares para me ensinarem como se punha a máscara, como é que se vestia o fato, qual era o procedimento mais adequado. A esse nível acho que era importante que tivéssemos

alguma formação, quanto ao resto penso que um curso desses apenas me vai ensinar como é que eu me devo movimentar num cenário de conflito, mas isso é perfeitamente natural quando nós lá chegamos, somos logo aconselhados. Quando cheguei a Kuwait City e entrei no Iraque fui logo aconselhado «só pares junto de militares, não pares em situações arriscadas», e portanto não é esse curso que me vai explicar como é que depois eu me devo movimentar. Até porque cada palco de conflito é diferente, tem a sua especificidade e, portanto, num determinado palco eu posso movimentar-me de uma maneira, noutra, tenho de movimentar-me de outra. Há os cenários de guerra, há os cenários de guerrilha, há os cenários de banditismo, que é aquilo que acontece agora no Iraque e, portanto, em função de cada um destes cenários a movimentação do jornalista é diferente.

Carlos Santos - Que desafio no mundo da informação é que gostaria de abraçar?

Hélder Silva - Há uns dias estava a falar com um amigo meu e disse-lhe «eu tenho 28 anos e já fiz uma coisa que era o meu sonho há uns anos atrás: uma grande reportagem». Adorei fazer esse trabalho sobre tráfico de mulheres e senti-me realizado quando vi a reportagem no ar. Não imaginei nunca ser pivot de uma televisão e foi mais um acaso que a vida me trouxe e gosto de ser pivot. Não vou ser hipócrita e dizer que não gosto. Gosto de ser pivot e também gosto de fazer reportagem. Não sei, talvez um programa de entrevista, um dia... um programa de autor. Um dia, mas um dia longínquo ainda. Por agora, quero continuar na labuta de todos os dias que me tem ensinado sempre coisas diferentes.



Licenciado em Comunicação Social pela Escola Superior de Jornalismo do Porto, é com gosto e fascínio que Helder Silva partilha episódios ímpares que viveu na primeira pessoa. O mesmo gosto com que, aliás, aceitou o convite para vir a Viseu e estar presente no evento académico. Visivelmente apaixonado pelo seu trabalho, este talento promissor deixa um conselho a todos aqueles que querem ser jornalistas: «Esforcem-se para isso! Nada é impossível! »